

José I. Suárez/Jack E. Tomlins: *Mário de Andrade. The Creative Works*. Lewisburg/London: Bucknell University Press/Associated University Presses 2000. 195 páginas.

Neste ensaio os autores, José I. Suárez e Jack E. Tomlins, ambos professores de universidades norte-americanas, visam fazer mais compreensível a leitura dos textos de Mário de Andrade para o público inglês através de uma contextualização da sua literatura tanto no âmbito biográfico como histórico e socio-político. No primeiro capítulo, encontra-se uma introdução referente à vida do jovem Mário de Andrade explicando a complexidade de sua pessoa e apresentando as diferentes facetas da sua personalidade. Trata-se de um enquadramento de sua vida no contexto de um Brasil do princípio do século XX até a Semana da Arte Moderna em 1922. Seu primeiro livro de poemas, *Há uma gota de sangue em cada poema*, propulsiou a amizade entre Mário e Oswald de Andrade, que depois de uma estada na Europa, buscava pessoas com quem pudesse compartilhar as idéias revolucionárias da arte, que encontrariam a sua expressão no Modernismo.

O segundo capítulo analisa, quase inteiramente, o livro de poemas intitulado *Pauicêta desvairada*, traduzido para o inglês, como *Hallucinated City*, por um dos autores, Jack E. Tomlins. Naquele momento, Oswald havia voltado de Paris com o "Manifesto Futurista" na sua bagagem intelectual e escreveu um artigo sobre Mário denominando-o de "o meu poeta futurista" e provocando, assim, sérios problemas no Conservatório onde Mário trabalhava. Em sua resposta ao artigo de Oswald, Mário deixa evidente que ele seria um seguidor e não um imitador das idéias intelectuais provenientes da Europa.

O terceiro capítulo é dedicado à triologia *Cia do Jabuti*, *Amor*, *verbo intrinseco* e *Macunaima*. Embora o primeiro livro seja uma coletânea de poemas e os outros dois sejam novelas, as três obras podem ser vistas como uma unidade no que diz respeito ao conteúdo, porque segundo os autores o primeiro livro mencionado trata do passado, o segundo do presente e o terceiro do passado e do presente do Brasil. Lamentavelmente, às vezes, os autores preocupam-se mais com a crítica que rechebram estas obras, tanto na sua época como na sua posterioridade, do que uma apresentação, mesmo sendo breve, das mesmas obras. Por outro lado, os autores destacam muito bem a atitude do próprio Mário em relação à sua literatura como, por exemplo, seu desinteresse por ser conhecido pela posterioridade e também seu convite ao leitor a participar no ato criativo da leitura.

No quarto capítulo, são analisados os seus três volumes de contos: *Primeiro andar*, *Belzarte* e *Contos novos*, obra póstuma publicada em 1947. No quinto capítulo, questiona-se a natureza da poesia de Mário de *Remate de males* até *Lira paulistana*, outra obra póstuma publicada em 1946, um ano depois de sua morte. Os autores estão convencidos de que sua maneira de expor a obra criativa de Mário de Andrade ajudará a compreender as mudanças ideológicas deste complexo autor. O último capítulo concentra-se na sua famosa palestra sobre "O movimento modernista" ministrada no dia 30 de abril de 1942, vista como momento histórico da literatura brasileira e universal, e também a repercussão dessas suas últimas palavras ao público-leitor e ao crítico.

Resumindo, os autores conseguem transmitir ao leitor, de maneira esplêndida, como Mário de Andrade foi um poeta inteligente inspirado pela sua intuição e paixão. Descrevem a sua vida e obra numa

linguagem clara e concisa de maneira que esta obra tornar-se-a não só um livro de pesquisa importante sobre o modernismo brasileiro, mas também um livro recomendável para cada biblioteca.

Sonja M. Steckbauer

Luiz Ruffato: *Os Ases de Cataguases: uma história dos primórdios da Modernismo*. Cataguases: Instituto Franciscana de Souza Peixoto 2002. 128 páginas.

"Foi quando o Modernismo estava em sua plenitude, que nos chegaram a São Paulo as primeiras notícias da formação de um núcleo modernista na inesperada cidade de Cataguases", lembra Mário de Andrade em 1940! "A carta vinha alvissareira, transbordante dessa vitória grossa e incontestável que só se abriga no primarismo dos tolos e dos inocentes. No caso, se tratava de sonhadores. Um grupo de rapazes, mal saídos da meninice, fundara uma revista, a *Verde*, e nos pedia a colaboração de veteranos para o lançamento do primeiro número [...] Com pouco mais de doze anos, o menino Rosário Fusco escrevia ao historiador Paulo Prado, na proximidade dos cinquenta, cartas deste faez: 'Paulo Prado, deixa de beiseiral! Manda logo um troço pra nossa revista!'"

Por que Cataguases? No seu último livro, Luiz Ruffato reconstrói a história deste singular movimento modernista mineiro. Cataguases, situado na Zona da Mata mineira, vivia do café até princípios do século XX. As elites locais tiveram a

envergadura suficiente para reagir à derrocada do café e reverter um quadro desfavorável, investindo na infra-estrutura urbana e na indústria têxtil. Ao passo que, em 1930, 75% da população brasileira continuava analfabeta. Cataguases tinha uma escola primária estadual e duas secundárias de bom nível (p. 30). Mas a infra-estrutura não explica tudo, era preciso manter contato com o centro de irradiação dos movimentos de vanguarda—Paris. Os rapazes de Cataguases—Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Guilhermino César, Emílio de Resende, Francisco Inácio Peixoto—tiveram bom faro: em vez de se relacionar com grupos moderados preferiram orientar-se pelo centro do modernismo mais radical, o grupo paulista (Mário de Andrade, Oswald de Andrade). O grande mérito do livro consiste na reconstrução da micro-história, do contexto econômico-cultural do grupo *Verde*, suas fontes de financiamento, seus apoios na mídia local, o ambiente que tornou possível este singular fenômeno, a revista *Verde* (1927-1929)?

O *Manifesto do grupo Verde de Cataguases*, o índice biográfico de seus integrantes, um anexo iconográfico e o sumário dos seis números da revista completam este excelente livrinho de Luiz Ruffato, uma pérola na história do modernismo brasileiro.

Albert von Brunm

¹ "Persistência de asas". Em: *Vida literária*. Pequiza, estabelecimento do texto, introdução e notas de Sonja Sachs. São Paulo: Huictec, 1993. pp. 166-169.

² A revista foi re-ediada em facsimile em 1978, patrocinada pela Metal Leve.